A ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, LEITURA E SUASESTRATÉGIAS SIGNIFICATIVAS

VIVIANE MENEZES DE SOUZA

RESUMO

Todos os indivíduos nascem com a capacidade inata de decifrar símbolos escritos e adquirem a habilidade de expressão textual ao longo do tempo. No entanto, é necessário evitar uma visão simplória da atividade de leitura, pois um bom leitor não se limita a decifrar letras e formar palavras. Um bom leitor é capaz de interagir com o texto, ampliar ideias, estabelecer conexões com outras obras e extrair novas proposições a partir dele. Um ambiente propício para aprender essa habilidade é a instituição educacional, que guiará o aluno para se tornar um leitor habilidoso e consciente de sua relação com o texto. Durante a leitura, realizamos uma série de processos mentais complexos que nos permitem continuar a avançar. Em certos momentos, podem surgir obstáculos ao longo desse processo. Portanto, é de suma importância utilizar estratégias eficazes de leitura e escrita, a fim de transformar a experiência de ler e escrever em algo que nos proporcione a satisfação de alcançar nossos objetivos.

Palavras-chave: Conexões; Letras; Processos Mentais.

INTRODUÇÃO

No passado, a aquisição da habilidade de leitura ocorria por meio de cartilhas, nas quais os alunos repetiam frases sem sentido decorando-as. Com a mudança de paradigmas, a abordagem dos professores mudou. Atualmente, os alunos são alfabetizados por meio de uma variedade de textos que circulam em seu cotidiano, tornando a aprendizagem mais significativa e contextualizada. "Não se forma bons leitores oferecendo materiais de leitura limitados, especialmente quando as crianças estão sendo introduzidas no mundo da escrita..." (PCN - citado na referência, p.36).

Ao utilizar diversos gêneros textuais em sala de aula, a escola contribui para que o processo de leitura, escrita e produção de textos não seja algo mecânico e desvinculado da realidade, uma vez que esses gêneros estão presentes em todos os aspectos da vida de qualquer indivíduo. Isso faz com que os alunos se tornem leitores ativos e críticos.

O ensino da leitura desempenha um papel fundamental na vida de qualquer pessoa, e o professor, ciente disso, precisa desenvolver em sala de aula um ensino que capacite o aluno a se tornar um leitor competente. Ele deve buscar práticas eficazes, permitindo que a leitura seja realizada de forma crítica, com significado e consciente de sua função social.

O professor deve apresentar aos alunos uma variedade de textos, não apenas histórias, pois utilizamos diferentes textos para nos comunicarmos, e o aluno não pode ser privado dessa riqueza de conhecimento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa destacam a necessidade de trabalhar essa diversidade. Ler autonomamente diferentes textos dos gêneros previstos para o ciclo, sabendo identificar aqueles que respondem às suas necessidades imediatas e selecionar estratégias adequadas para abordá-los; produzir textos escritos, coesos e coerentes, dentro dos gênerosprevistos para o ciclo, ajustados a objetivos e leitores determinados; (PCN vol. 2, 1997. p.79 e 80)

O termo "gênero" nem sempre foi empregado para descrever todos os tipos de textos. Anteriormente, apenas os textos literários eram designados dessa forma. No entanto, nos dias atuais, essa terminologia é mais abrangente. A linguagem é responsável por toda a comunicação humana e permite o uso de diversos gêneros (VIEIRA; APARÍCIO, 2020).

Os gêneros textuais se tornam uma ferramenta crucial no estudo da compreensão da linguagem oral, uma vez que são utilizados constantemente na comunicação. Portanto, é interessante que o professor desenvolva em sala de aula um trabalho que proporcione aos alunos o conhecimento desses gêneros e sua função no processo de comunicação (VIEIRA; APARÍCIO, 2020).

Marcuschi (2005) afirma que os gêneros textuais são:

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem aparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação à sociedade anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Uma abordagem altamente eficaz para o ensino de gêneros textuais é colocar os alunos em situações reais de uso da

linguagem, de modo que eles adquiram os meios necessários de maneira criativa e clara para alcançar seus objetivos desejados. É crucial ter em mente que a escola é um espaço genuíno de diálogo e deve criar oportunidades em que os alunos possam produzir e compreender textos em sua totalidade (VIEIRA; APARÍCIO, 2020).

O ALUNO E A CRIAÇÃO DE TEXTOS DIVERSIFICADOS

O aluno deve criar e estudar textos que sejam relevantes para sua realidade, daí a importância da diversidade de textos. Suas produções precisam ter sentido, ele deve entender que o que está produzindo é útil para si mesmo ou para outras pessoas. Essas ações permitem que o aluno compreenda a função dos textos que lê e produz, e assim ele entenderá que cada texto possui características específicas, o que promoverá seu domínio sobre eles.

Ao ingressar na escola, a criança já possui um conhecimento prévio dos gêneros textuais, mesmo que ainda não tenha conceitos claros e não saiba ler e escrever. O professor deve partir desses conhecimentos existentes e ampliálos. No ambiente familiar, a criança é exposta a diversas formas de linguagem, como noticiários, comerciais, bilhetes, músicas e placas. Dessa forma, o trabalho com gêneros textuais se tornará prazeroso, dinâmico e significativo para a criança. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa mencionam a importância dos gêneros textuais orais.

Ao ingressarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e linguística para comunicar-se em interações que envolvem relações sociais de seu dia a dia, inclusive as que se estabelecem em sua vida escolar. Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos (BRASIL,1997, p.24).

O professor responsável pelo ensino da alfabetização pode descobrir que a capacidade de leitura e escrita é acessível a muitos, mas é necessário compreender como interpretar os métodos de alfabetização aplicados em sala de aula. É importante reconhecer que as atividades de interpretação e produção escrita têm início antes mesmo da escolarização, pois estão inseridas em um sistema de conceitos pré-existentes (VIGOTSKY, 2021).

Quando um adulto fornece informações sobre um texto, a criança assimila essas informações com base em suas próprias concepções infantis. Nesse sentido, devemos refletir sobre o papel dos professores no processo de aprendizagem. Cabe ao professor permitir que a criança descubra por si mesma, criando condições favoráveis para essa descoberta, em vez de simplesmente fornecer a chave secreta do sistema alfabético.

O conhecimento do aluno é construído por meio de sua experiência em produzir seus próprios textos, utilizando suas próprias estratégias e reconstruindo-os com esforço pessoal. O professor deve atuar como mediador nesse processo de construção. Às vezes, a maneira como o aluno constrói seu conhecimento pode parecer estranha aos olhos do professor alfabetizador, mas é essencial que o professor compreenda o pensamento por trás da escrita do aluno (VIGOTSKY, 2021).

Antes de mergulharmos na discussão sobre a aquisição do sistema alfabético de leitura e escrita, é importante refletir brevemente sobre os conceitos de alfabetização e letramento.

No contexto educacional, o debate entre alfabetização e letramento surgiu na década de 1980, quando as necessidades sociais de leitura e escrita revelaram a insuficiência de apenas "saber ler e escrever" e, consequentemente, a importância de ser competentemente capaz de utilizar a leitura e a escrita em situações sociais em que a linguagem escrita está presente (SOARES, 2003). Portanto, houve a necessidade de ampliar o conceito de alfabetização, que vai além do simples domínio da leitura e escrita, incluindo também a capacidade de atender às demandas sociais de uso da leitura e escrita, ou seja, o letramento.

[..] especificamente a aprendizagem de um sistema que converte a fala em representação gráfica, transformando a língua sonora – do falar e do ouvir – em língua visível – do escrever e do ler: a aprendizagem do sistema alfabético. Assim, a alfabetização, atualmente, é entendida como a aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita – o sistema alfabético – e das normas que regem seu emprego (SOARES, s.d, s.p).

Conforme mencionado por Soares (2000), o conceito de alfabetização refere-se ao processo de ensinar e aprender a ler e escrever, enquanto letramento descreve o estado ou condição de alguém que não apenas possui habilidades de leitura e escrita, mas também pratica e se engaja nas práticas sociais que envolvem a escrita. Portanto, embora os termos alfabetização e letramento sejam distintos, eles são inseparáveis.

ALFABETIZAÇÃO SIGNIFICATIVA

Conforme afirmado por Martins (1986, p.12), "[...] ninguém ensina ninguém a ler: o aprendizado é, em última instância,

um processo solitário, embora ocorra na interação com os outros e com o mundo".

A leitura vai além da mera obrigação e transcende a simples capacidade de decodificar letras, buscando o prazer de ler um livro ou texto e desenvolvendo a apreciação pela leitura fora do ambiente escolar.

Martins (1986, p.12) afirma que "aprendemos a ler mesmo sem a ajuda dos professores; que, para compreender o processo de leitura, não estamos desamparados e somos capazes de realizar algumas coisas por conta própria".

A leitura deve ser um processo interativo para as crianças em fase de alfabetização, atuando como facilitadora do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Martins (1986, p.23), "muitos educadores não conseguiram superar a abordagem formalista e mecânica, enquanto para a maioria, aprender a ler se resume à memorização de sinais linguísticos".

É evidente que, muitas vezes, a leitura de textos nas salas de aula carece de significado e não está integrada ao contexto do aluno. Com uma abordagem mecânica e desprovida de emoção, a aprendizagem se torna ineficiente na busca pela conexão do aluno com o mundo da leitura, e é nesse ponto que os professores precisam modificar suas estratégias, atuando como mediadores e tornando a leitura mais prazerosa e significativa, especialmente no processo de alfabetização.

Segundo Martins (1986, p.23), "uma vez que se tornam alfabetizadas, a maioria das pessoas limita a leitura a fins puramente pragmáticos, mesmo suspeitando que a leitura significa se inteirar do mundo".

Ao ler diferentes textos, adquirimos conhecimentos diversos que podem ser aplicados em todas as áreas da vida. Por exemplo, textos literários podem transmitir mensagens, mesmo que de forma implícita. Ao se identificar com um personagem, compreender o contexto e refletir sobre a história, o leitor passa a se colocar no lugar do personagem ou a comparar sua própria situação de vida com a do personagem. Essa reflexão proporciona ao leitor conhecimentos úteis para sua vida, como encontrar respostas para situações pessoais ou melhor compreender as outras pessoas e a si mesmo, entre outros aprendizados. A leitura do cotidiano dos personagens é uma fonte de conhecimento valiosa.

Ao ser estimulada por meio de situações prazerosas de leitura, despertase na criança o desejo de saber, facilitando assim o processo de alfabetização.

É crucial fazer uma seleção cuidadosa dos primeiros livros a serem introduzidos na vida das crianças, considerando sua idade e contexto, pois ao apresentar um livro, espera-se despertar o interesse da criança em se aprofundar na leitura.

A leitura é essencial em todas as áreas do conhecimento e, por isso, deve ser constantemente avaliada e aprimorada, tornando-se prazerosa, reflexiva e significativa. É importante torná-la o mais interessante possível para as crianças, criando o hábito de ouvir e ler diversos tipos de texto, pois ela atua como uma ferramenta significativa na vida cotidiana.

Conforme Leffa (1998, p.24):

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro seguimento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto.

É possível observar que a leitura desempenha um papel fundamental como meio de comunicação, permitindo que o leitor receba informações de maneira significativa e satisfatória. Portanto, durante o processo de alfabetização, é importante que a leitura seja incentivada de forma prazerosa.

Conforme mencionado por Paulo Freire (1986, p.23): "A compreensão do mundo é sempre anterior à compreensão das palavras, e a leitura das palavras implica a continuidade da leitura do mundo".

A citação de Paulo Freire destaca que o processo de decodificação das palavras torna-se significativo à medida que o indivíduo desenvolve a habilidade de leitura, compreendendo as palavras em vez de simplesmente escrevê-las mecanicamente.

De acordo com Soares (2004), citado por Brilhante (2010, p.7):

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania.

Durante o processo de alfabetização nas instituições educacionais, é importante adotar abordagens de ensino que promovam a leitura como uma prática significativa, permitindo que os alunos compreendam e se apropriem da complexidade do mundo da escrita.

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INFÂNCIA

Contar histórias e ler histórias são práticas distintas, e ambas têm espaço nas escolas. O contador de histórias recria o conto juntamente com seu público. Ele preserva algumas partes do texto, mas o modifica de acordo com a interação estabelecida com os ouvintes. Por outro lado, o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa e as escolhas lexicais do autor.

Qualquer professor pode se tornar um contador de histórias. Inicialmente, basta ler diferentes tipos de histórias para os alunos. Gradualmente, o professor se apropria das narrativas e começa a desejar contar aquelas que mais gosta. Cada contador, utilizando suas habilidades, encontra sua própria maneira de contar histórias e as traz à vida. Algumas sugestões são importantes para aqueles que desejam se aventurar na arte de contar histórias: é recomendável fazer uma leitura atenta e minuciosa do conto, buscando compreender seu significado mais profundo, ou seja, captar sua essência; também é interessante dividir o conto em cenas ou partes principais e identificar a estrutura narrativa; por fim, é útil conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam ao longo da narrativa.

Por meio da leitura de contos de fadas, podemos perceber as questões que permeavam o pensamento de nossos antepassados, bem como as experiências e vivências que sustentaram a humanidade. Essas histórias, escritas em uma linguagem simples que proporciona significado em qualquer idade, transmitiram conhecimentos fundamentais.

Conforme Caldin (2001, p. 32):

Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 1970, com o boom da literatura infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo.

É possível observar que os contos de fadas são impactados pela situação política do país, servindo como veículo para expressar opiniões de forma metafórica e criticar os governos.

De acordo com Coelho (1991, p.57):

Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil.

Monteiro Lobato foi o escritor pioneiro na criação da literatura destinada às crianças, construindo universos e criaturas fantásticas através das aventuras de seus protagonistas, despertando constantemente a imaginação das crianças que se deparam com suas obras até os tempos atuais.

Conforme mencionado por Turchi (2009, p. 14):

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Portanto, nos dias atuais, a literatura mantém os elementos narrativos dos contos de fadas, abordando as preocupações relacionadas aos desafios do cotidiano por meio dos livros, que são adaptados às demandas sociais.

De acordo com as ideias de Freud (citado em Franz, 1962), todo sonho é uma expressão significativa da vida interna e sua interpretação é um caminho para compreender o inconsciente. Freud (citado em Franz, 1962, p. 17) percebeu que os sonhos não são diferentes dos mitos e contos de fadas, sendo um fenômeno humano universal. Nas histórias, a sucessão de eventos representa a experiência interna do herói - uma história latente - usando uma linguagem simbólica.

Quando as crianças leem ou ouvem histórias, elas entram em contato com seu material inconsciente/latente, pois, ao se identificarem com os personagens, podem avaliar as situações de uma maneira mais distanciada. Dessa forma, ao entrar em contato com processos internos e se identificar com os personagens, os contos permitem que a criança se veja "de fora" da situação, com uma perspectiva mais distanciada, o que facilita a percepção dos problemas apresentados e das sugestões para a resolução.

É importante ter em mente que, ao analisar os significados dos contos, pode haver uma ênfase excessiva em certos aspectos que não existem em relatos mais antigos.

As histórias podem auxiliar as crianças a elaborar e superar dificuldades psicológicas complexas, pois oferecem possibilidades de construir uma ponte entre o inconscien-

te e a realidade. Cada história possui uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente, e mesmo que a criança não expresse sua compreensão da mensagem contida na história, isso não significa que ela não tenha assimilado.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou permitir que ela o leia sozinha, é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o mundo infantil, pois atuam como mediadores entre a criança e a realidade, ajudando na resolução de conflitos e na formação da personalidade, por meio dos simbolismos representados pelos personagens.

AS CONTRIBUIÇÕES DAS BRINCADEIRAS

Conforme as ideias de Emilia Ferreiro (2001), os conhecimentos que os estudantes trazem consigo para a escola e a forma como os professores lidam com esses conhecimentos são parte integrante do processo de alfabetização. Portanto, podemos perceber que os processos de aprendizagem da leitura e da escrita no ambiente escolar devem levar em conta o desenvolvimento das crianças, uma vez que esse desenvolvimento começa muito antes de elas entrarem na escola.

É útil perguntar através de que tipo de práticas a criança é introduzida na língua escrita, não só no papel, mas também através dos meios de eletrônicos. Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal e se sabe escrever palavras e frase, mas não é capaz de escrever uma carta ela é alfabetizada, mas não é letrada.(EMÍLIA FERREIRO, 2001, p. 30)

A aquisição de habilidades de leitura e escrita desempenha um papel essencial na compreensão do nosso mundo. Desde o momento em que acordamos até o momento em que dormimos, constantemente estamos atribuindo significado ao nosso ambiente circundante.

Tradicionalmente, a alfabetização tem sido associada à leitura e escrita. Embora esses sejam elementos fundamentais da alfabetização, hoje em dia nossa compreensão desse conceito abrange muito mais.

A alfabetização é uma fase crucial em nossas vidas, pois é nesse processo que descobrimos o mundo das letras e da leitura. Um processo cuidadosamente planejado, com metas claras e abordagens pedagógicas adequadas, pode ter um impacto duradouro na vida das pessoas, despertando o prazer pela linguagem escrita. Portanto, os educadores desempenham um papel fundamental como incentivadores e mediadores na vida de seus alunos, sendo sua responsabilidade se qualificar, refletir e aplicar metodologias eficazes, levando em consideração o contexto e os conhecimentos prévios dos alunos.

Os professores também têm a função de proporcionar o contato direto dos alunos com o mundo da leitura. Muitos de nossos alunos não têm a oportunidade de se engajar na leitura com a mediação de seus pais, e, portanto, o professor assume esse papel. A leitura é uma poderosa ferramenta pedagógica na promoção do interesse das crianças pelos estudos. Quando cultivamos o amor pela leitura desde o início da vida escolar, aumentamos significativamente a probabilidade de nos tornarmos adultos que adotam a leitura como um hábito. Consequentemente, desenvolvemos habilidades adequadas de escrita, pronúncia e compreensão de textos.

Além disso, o professor desempenha o papel de mediador cultural, atuando como um elo entre a criança e a cultura, transmitindo conhecimentos, valores e práticas dos quais as novas gerações necessitam e desejam se apropriar para viver em nossa sociedade. Para isso, é essencial que o professor conheça tanto o aluno com o qual trabalha, quanto os aspectos culturais nos quais pretende inseri-lo e as características específicas do conhecimento que busca ajudar a criança a desenvolver, no caso, a linguagem escrita em toda a sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que a familiaridade com um conhecimento só se obtém por meio de seu uso constante. Portanto, para que o professor forme alunos que sejam leitores e produtores de texto, é crucial que a escrita e a leitura façam parte intrínseca de sua própria vida e, especialmente, que ele tenha uma conexão afetiva com essas atividades, realizando-as com prazer.

É evidente que quanto mais o professor ler e escrever, mais recursos terá para utilizar essas experiências ao ensinar seus alunos, mostrando a importância do uso desses conhecimentos em sua interação com o mundo e com as pessoas. No entanto, assim como gostar de crianças não é suficiente para ser um bom professor, apenas ler e escrever não é o bastante para alfabetizar.

Para essa tarefa, o professor precisa, em primeiro lugar, compreender a língua escrita como um objeto social que circula em nossa sociedade, desempenhando diferentes funções de acordo com as necessidades de seu uso. É fundamental que ele também entenda que o fato de a escola ter historicamente a responsabilidade de ensinar a língua escrita não a transforma em um conhecimento exclusivamente escolar. Em outras palavras, a língua escrita não deve ser aprendida ou ensinada apenas para cumprir

tarefas escolares. Portanto, é essencial que a leitura e a escrita sejam introduzidas no ambiente escolar como um objeto social, o que implica dizer que no processo de aprendizagem elas não devem ser dissociadas de seus usos práticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa. Brasília:

Ministério da Educação, 1997.

FERREIRO, Emília, Reflexões sobre Alfabetização. São Paulo. Cortez, 2001. FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

MARCHESONI, L. B. et al. Letramento e alfabetização de jovens e adultos: um trabalho com gêneros textuais do cotidiano. Dialogia, São Paulo, n. 37, p. 1-19, jan./abr. 2021.

OLIVEIRA, João Batista. Araújo. Alfabetização de Crianças e

Adultos: novos parâmetros. Belo Horizonte: Alfa Educativa, 2004.

_____, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura e Realidade Brasileira. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SOARES, M. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1.ed.

3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. LETRAMENTO. Um tema em três gêneros. Autêntica: Belo Horizonte – 2004.

VIEIRA, F. S. S.; APARÍCIO, A. S. M. Seguência didática de Gênero Textual: Uma Ferramenta de Ensino da Escrita no Processo de Alfabetização.

HOLOS, v.1, p. 1-15, 2020.

VIGOTSKY, L. S. A Construção do Pensamento e da Linguagem. São

Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. S. Psicologia, educação e desenvolvimento. São Paulo:

Expressão Popular, 2021.